

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campos de S. José, 97
 ADMINISTRADOR,
 Manoel da Silva Matos

ASSINATURAS:
 Trimestre (correu) 336 — Semestre
 672 — Ano 1344 — Avulso 303
 ANÚNCIOS:
 Cada linha 303 — Repetição 302

Orgão do Partido Republicano Democrático

Director e Editor — Gonçalo de Araújo

Opinião insuspeita

Estavam as coisas nestes termos, dizia ontem na Camara dos Deputados o sr. dr. Antonio José de Almeida, quando o sr. Brito Camacho publicou um artigo sensacional, que pôs em alarme e alvoroço todo o espirito publico.

Todos tinhamos achado espantoso que ele se quisesse ligar com os democraticos para exterminar os evolucionistas, tendo ideias tam diferentes das dos primeiros sobre o assunto que a todos sobreleva neste momento: a nossa colaboração na guerra.

Mas o sr. Brito Camacho, como que querendo cortar pela raiz esses espantos, disse no seu artigo, no domingo publicado, que o partido unionista fizera a sua declaração de 23 de Novembro na previsão de que poderia ir ao poder, e, se lá fosse, de **pleno accordo com a Inglaterra, não teriamos de mandar tropas a guerrear na Europa.**

E para esta afirmação gravissima, que o sr. Brito Camacho repete pelo menos tres vezes, ao longo do seu artigo, pondo-a duas vezes em italico para mais chamar a atenção publica, para esta afirmação gravissima produzir todos os seus efeitos, o sr. Brito Camacho insiste que desta vez ficava bem explicada a sua declaração ministerial.

E, para esta afirmação gravissima calar bem profundamente na consciencia publica, o sr. Brito Camacho escreveu um artigo no dia 21, desafiando o governo a que mande uma expedição militar para o teatro da guerra na Europa.

A gente lê isto e fica pasmada, inclinando-se logo para a opinião de que semelhante maneira de tratar da nossa intervenção na contenda europeia é *verdadeiramente criminosa.* Mas o orador não quer aventurar a minima palavra do sr. Brito Camacho que está ausente, e não poderia responder-lhe. No entanto semelhante assunto precisa de ser deslindado, e o governo tem que tomar a palavra para o esclarecer.

O orador viu com os seus o-

lhos notas em que a Inglaterra pede o concurso militar de portugueses para o teatro occidental da guerra; o orador ouviu ler como toda a gente, que estava naquela Camara, a declaração ministerial de 23 de Novembro, redigida de acordo com o governo inglez, e em que se diz o seguinte: «Logo no principio da guerra, Portugal afirmou espontaneamente que estava pronto; como aliado da Gran-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso.

O governo inglez, apreciando altamente este claro testemunho de cordial solidariedade, convidou com entranhavel reconhecimento o governo português a contribuir de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar. E, por este modo, os dois governos asseguram os fins da aliança, ha seculos já subsistente entre as duas nações, e cuja manutenção tanto é do interesse comum de uma e de outra».

O sr. ministro da Inglaterra, assistiu da tribuna do corpo diplomatico á leitura d'esta nota, onde se diz terminantemente que a Inglaterra nos convidou a uma colaboração militar, e o sr. ministro da Inglaterra não protestou; tres distinctissimos officiaes portugueses foram a Londres regular, minuciosamente, com o proprio Lord Kitchener a nossa intervenção na guerra europeia. E é depois de tudo isto que o sr. Brito Camacho vem dizer que a Inglaterra não quer a nossa participação na guerra e que, no caso de s. ex.ª ir ao poder, de *acordo com ela*, evitaria o envio das nossas tropas.

O orador não percebe. Tam observado que o sr. Brito Camacho anda bastante em dia com certas *démarches* relativas á guerra, mostrando-se conhecedor de muitas coisas que mais ninguém conhece. Em 7 de Novembro disse s. ex.ª, na «Luta», que a Inglaterra tinha tido medo de nós, porque receára que nos declarassemos beligerantes, fazendo assim o papel de um cõpo atado ás pernas de um gigante e por carta que recebera de Londres disse que no Foreign Office se havia considerado a sessão

parlamentar portuguesa de 7 de Agosto quente em demasia.

Vê-se que o sr. Brito Camacho anda enfiado nos assuntos internacionais, apeteendo perguntar se, além de um ministerio dos Estrangeiros no Terreiro do Paço ha outro no Calhariz.

Mas isto assim não pode continuar. É preciso que isto se esclareça. Ou as notas que mostraram ao orador são falsas ou os documentos que o sr. Brito Camacho, em qualquer hipotese, não levianamente lançou para publico, são uma ficção. O espirito publico precisa de ser elucidado e se é um crime brincar com o fogo, como o fez o sr. Brito Camacho, não é menor crime deixa-lo lavrar sem o extinguir. *O sr. Brito Camacho praticou uma acção por que a Historia lhe lançará uma condenação irremediavel e tanto mais que o orador se continua a considerar possuidor da verdade, isto é, continua na convicção plenissima de que a Inglaterra pediu o nosso auxilio.*

É possivel que esse auxilio não chegue a efectivarse, ou porque não venha a ser preciso, ou porque as remessas das nossas tropas para o ultramar não permitam o envio d'elas para a França, ou por outro qualquer motivo, mas jámais porque a Inglaterra não nos tenha solicitado o concurso e não tenha desejado, e até da maneira mais lisonjeira para nós, que a seu lado, participamos da guerra. A seu tempo tudo se esclarecerá.

Falar o sr. Brito Camacho na publicação de um livro branco, é praticar o desenvolvimento de um erro inicial. S. Ex.ª bem sabe que essa publicação não se pode fazer agora.

* * *

A esta opinião acrescentou o illustre parlamentar e ministro do interior, dr. Alexandre Braga, o seguinte:

O sr. Antonio José de Almeida não fez afinal no seu discurso nenhum ataque ao governo, mas simplesmente um ataque ao partido unionista que já não faz parte desta casa do Parlamento. A isso foi levado pelo seu ardente patriotismo, pela cruenta duvida que lhe fazia sangrar o coração e a alma em face da possibilidade de que Portugal houvesse de praticar o acto

desonroso de não cumprir as suas formais promessas, abandonando-se a um acto de cobardia. Parecia, por consequencia, que era no actual governo que s. ex.ª deveria dar o mais caloroso e decidido apoio, porque ele é a garantia de que o nome de Portugal será honrado, de que os nossos compromissos serão mantidos até ao fim, de que as afirmações aqui feitas e de que os compromissos tomados de acordo com a nossa aliada não de ser escrupulosamente respeitadas, e ainda porque nas suas mãos está entregue toda a felicidade e toda a vida futura da Patria.

Havemos de defender o nosso nome, a nossa dignidade, a nossa honra até ao fim, e não recuamos qualquer campanha que tresloucados hajam de fazer apelando para a cobardia, porque não ha portugueses cobardes e muito menos militares que o sejam. Os nossos militares são bravos e corajosos.

Os nossos officiaes sabem que a sua profissão não é uma burocracia lucrativa, mas sim, consiste em defender a Patria. O governo não recua, pois, nenhuma dessas campanhas, por mais perigosas, por mais venenosas que elas sejam.

Elas só poderão conseguir um unico fim, que é inutilizar, perante a Historia e perante o futuro e presente os nossos bravos soldados de terra e mar, aqueles que cometeram a inqualificavel audacia de pensar que uma campanha de cobardia podia ser defendida ou secundada pelos nossos officiaes.

Por seu turno o sr. dr. Afonso Costa, castigando duramente a atitude do perdido sr. Brito Camacho pronunciou um dos seus magistraes discursos terminando com este comentario, dirigido áquella estranha figura da Republica:

«Mas agora, imagina que lançando o seu pregão aos cobardes, aos cães e aos traidores, eles lhe vão fazer cauda e rodea-lo! Que siga com eles! A Patria segue com a Republica para a frente!»

Nem melhor podiamos nós dizer neste momento do homem que tam miseravelmente liquidou a sua vida publica.

De «O Norte».

LIÇÕES DA GUERRA

Contra todos os artificios que o despeito politico e a artimanha dos velhaos tem junto em volta da situação da Republica Portuguesa no conflito europeu, um facto avulta e se impõe, indiscutivel e perfeitamente demonstrado: os ataques repetidos de forças alemãs contra os nossos postos militares de Africa e o estado de guerra ali decretado pelos comandantes das expedições militares.

A Alemanha, tendo ainda em Lisboa o seu representante e sem, ao que nos conste, ter dado qualquer conhecimento ao governo português dos seus intentos, nem ter feito a declaração de guerra, ordenou ás suas tropas que invadissem a nossa colonia de Angola, por ela cubizada ha tantos anos, e que contra os nossos postos militares usassem os mesmos processos de guerra por ela empregados na Belgica, na França e na Rússia.

Soldados portugueses morreram já, uns cobardemente surpreendidos pelo massacre, outros caídos em defesa do nosso território contra a invasão alemã. E ao mesmo tempo que isto succede em Naulda e Cuangar, postos militares de Angola, nas margens do Niassa, em Moçambique, os filibusteiros alemães realizaram *raids* audaciosos assassinando, ali tambem funcionarios portugueses.

Ante estes acontecimentos, que ninguém nega, procura-se ainda fazer acreditar que o nosso país não está em guerra com a Alemanha e certas creaturas permitem se ainda ao extravagante proposito de discutir se devemos ou não entrar na guerra contra o imperio alemão, entretendo-se em procurar indispor o país contra essa guerra a que os teutões nos arrastam, invadindo as nossas melhores colonias e como se depois dessa invasão e das nossas disposições de defesa militar, fosse tolerada uma dúvida, sequer, sobre o estado de guerra em que Portugal se encontra.

Estamos na Africa em guerra com os alemães. É—caso extranho!—procura estabele-

cer-se o criterio de que o facto de estarmos em guerra com os alemães nas nossas colónias não nos obriga á guerra contra os alemães em toda a parte onde eles se encontrem ou em todos os locais onde os portugueses possam combater os seus invasores, os seus inimigos, os que pela força e crueldade nos querem levar as colónias como caução da sua inevitavel derrota nas linhas de Nieupoort e Belfort e nos campos de batalha da Polónia e da Prússia.

Pouco vê quem assim pensa. E, proseguindo no seu teimoso erro, pouco pensa quem se cinge a esse tenebroso ponto de vista sobre a situação europeia.

Nós somos dos que acreditamos que a Alemanha perdeu a partida. A falencia do seu plano de guerra, maduramente pensado durante quarenta anos e em volta do qual girou toda a actividade económica e militar do vasto imperio, é a perda irremediável da aventura germanica. Não foi em vão, pensem nisto todos os homens inteligentes, que Joffre sacudiu de Paris e atirou para o Aisne o exército do kaiser. O estado maior alemão havia concluido que o seu plano militar, o unico que lhe dava probabilidades de éxito, o unico que conduzia e se integrava no seu plano económico ou nas medidas económicas e financeiras adoptadas para garantirem o seu triumpho, era a marcha sobre Paris, seguida talvez da occupação do Havre, Dunquerque, Pas de Calais, Ostende e Anvers e da posse provisoria da Holanda.

Perdido esse plano, não é loucura pensar-se, pois, que a Alemanha perdeu a sua aventura, exactamente porque fracassou o seu melhor plano militar.

A Alemanha é má, é feroz. Mas não é tola, nem leviana para que a acreditemos sonhando glórias impossiveis. O seu sonho desfez-se no Marne e os alemães precaveem-se agora contra a realidade da sua situação. Perderam a partida. Mas do jogo eles hão de tirar todo o proveito que puderem, hão de lançar mão de garantias, caucionar-se, emfim, para, quando exaustos e exangues, apresentem os seus diplomatas na conferência da paz levem nas mãos, bem seguros, alguns valores realizaveis.

A Belgica há de a Alemanha largar-la e pagar-lhe-ha com lingua de palmo todos os vituperios, todas as afrontas e todos os destroços. Mas também a há de conservar em refens enquanto poder, pelo menos enquanto não tiver cravado garra em coisa que compense o sacrificio.

Pensem nisto os homens de Portugal: a Alemanha prepara-

ra-se para a paz e para essa preparação ela se sacrifica e se bate na europa, na Africa, em toda a parte, emfim, onde pode desenhannhar a espada. Ela não procura já dominar o mundo, mas quer não perder tudo nesse mundo que não pode dominar.

Falando em paz preparou ela a guerra em que se perdeu e lutando até á última ela está preparando a paz, isto é, está sacrificando se, remorrendo-se, torturando-se, só para que, quando essa paz chegue, possa transportar o seu dominio e as suas fatais correntes de expansão comercial para outros empórios em cuja conquista ela estiver empenhada. Quando se ajustarem os contos da Europa é que se há de saber quanto vale quem para elas scarrelou valores e cotação exacta desses mesmos valores porque a partida não se joga em Africa, nem na China, nem no Egipto, nem na Turquia. A partida onde entram todos os triumphos, a banca onde se batem todos os valores, a bolsa de todas as cotações, é nas nossas costas, desde Nieuport a Belfort e desde Cracovia aos pantanos da Polónia.

A germania é feroz, é má. Mas não é tola.

No dia em que, cansada, se apresentar ante os seus ven-

cedores, ela aceitará talvez o limite das suas ambições. Não tocará ao norte, não voltará ao este da França e recolher-se-ha pelo sul e pelo noroeste. Ali, ao pé da Inglaterra, recuará; acolá, junto da França, desaparecerá; não mais a sua bandeira flutuará na China, no Congo ou nos Camarões. De acordo.

Mas as potencias vencedoras que sabem o valor da vida dessa Alemanha vencida, depois de lhe terem imposto todas as suas condições, hão de dizer-lhe num gesto de magnanidade internacional: «Fique sabendo que aqui não toca. Arranje a sua vida onde os nossos interesses se nao choquem. Tenha juizo e ainda podemos ser bons vizinhos.»

Nesse momento a Alemanha trocará valores e reatará conversas com Londres e com Paris!

Pensem os velhacos e os maus na gravidade destas linhas que si ficam postas ante o criterio dos homens e digam-nos se é tolice ou crime o entendermos util e ajuizado sentarmos-nos á mesa onde se jogam os destinos da Europa e da Africa e estarmos dentro do colóquio das nações, onde só conversarão os parceiros que entraram a tempo de usar da palavra sobre a ordem das coisas da Europa!

De «O Norte».

Nos bastidores da conspiração

1913

A carbonária branca

Conversando — De como as Rondas não estão em «revanche» — Uma figura... clinica — O dr. José Figueirinhas — Não foi ele... — Pois se não foi, ver-se-há

Vamos agora tratar um episodio cujo interesse se mede pela categoria da personalidade directamente nele envolvida e que vai justificar o que, de momento, nos piedosas criaturas não souberam ou não quizeram compreender. Claro está que, esta crónica, não tem a determinação-la intuição que não sejam os que se integram num objectivo honesto de verdade e de justiça. Dá a quem doer, não devíamos preoccupar-nos com individualidades a quem as nossas palavras de imparciaes narradores possam porventura ferir.

Não ha interesses em jogo. Não nos movem inimidades pessoais. É se a ignóbil campanha de difamação com que se pretendem enlamear a dignidade daqueles que, num absoluto e exclusivo objecto de defesa da Republica, puzeram a nu a mecanica intima da celeberrima intentona de 21 de outubro de 1913, teve como colaboradores, ostensivos ou dissimulados, individuos cujas responsabilidades directas nos acontecimentos, deviam remete-los ás comodidades dum silencio pendente e reflectido, tanto peor para elles. Delles só é a culpa.

Um ano medeou entre os a-

contecimentos em referencio e a intentona deste ano. E durante esse tempo os que em sua consciencia tinham a noção, calma e tranquila, do dever rigorosamente cumprido, seguiam atentos o deambular da comparsaria suspeita, acclivando á sombra duma decantada amnistia que lhes dava a impunidade, a montagem de uma nova maquina conspiratoria constituída por todas as peças que tinham movido a anterior *rouage*, um momento parada, pela acção dos vigilantes amigos do regime. Reincidentes confes-os dum mesmo crime, anchos duma regalia garantida pelos «trucs» duma politica de tração, eles riam insolentemente dos homens da Republica que, assim, podiam barrar, amados á muleta duma cordialidade aleatoria. Para que nega-lo?

Toda a gente os via ai, á vontade, nos conciliabulos suspeitos em que se davam «rendez-vous» os de mais largo e comprometedor cadastro. Perfeitamente á vontade.

Surgia, porem, o momento em que a Verdade, arrancada a mordaça com que, traçoiramente, prenderam calar-lhe os gritos coarcticos, ergueu or-

gulhosamente o seu protesto incisivo e justiceiro, para confundir na mesma vasa de ignominia, no mesmo esgôto de torpeza, os criminosos e os cúmplices.

Represalia? Nem sombra de isso. Justiça! Apenas Justiça, se pretende fazer á luz crua, á luz deslumbradora dum sol de realidades que esbate os seus reflexos nos mais invios recantos da tenebrosa caverna.

Mas prosigamos:

Como os leitores viram já, pela lista dos individuos arrebanhados pelo Abel dos Santos Ferreira, para a C. B., muitos nomes conhecidos, nesta cidade, de diferente posição social e politica, vem documentar o caracter extensivo que a referida associação secreta havia tomado.

Entre esses nomes conhecidos, destaca-se evidentemente o do dr. José Simões Ferreira Figueirinhas, medico e capitalista importante. Deve ainda estar no espirito das pessoas que, ao tempo da descoberta do «complot», seguiram com interesse as diferentes fases dos acontecimentos, a surpresa causada pela solução do caso referente ao citado clinico. Preso, como nuplicado no processo da «Carbonária Branca» o dr. José Figueirinhas, a breve trecho era restituído á liberdade, em virtude de ser provado pelo exame pericial a absoluta ausencia de culpa por parte do acusado. O exame de peritos referia a nula dessimilhança da letra do facultativo, comparada com as assinaturas a ele atribuidas que firmavam os três documentos exigidos pelos regulamentos da C. B.

Não queremos agora aqui discutir as condições desse exame nem a personalidade dos técnicos chamados a dar o seu parecer. Não é de nossa competencia. E como não gostamos de meter foice em seara alheia, ao são criterio dos nossos leitores deixamos o comentário e as razões correspondentes. Apenas exibimos o facto, na sua evidencia estrutural, nitido, preciso, flagrante.

As conclusões foram terminantes. O indigitado clinico, negára, de entrada, a autoria dos artigos em questão. Não eram do seu punho, positivamente, aqueles sarrabiscos comprometedores.

Aguem, que muito mal lhe queria, inventara aquilo. Era vítima de uma maquinação infame. Invocava o testemunho dos altos ceus, para comprovar a brancura da sua innocencia.

Nada escrevera, nada conhecia da tenebrosa caverna do Abel dos Santos Ferreira, personagem que, igualmente, lhe era absolutamente desconhecida.

Convidado, então, pelos peritos, a traçar no acto do exame por diferentes vezes, a assinatura do seu nome, o dr. José Figueirinhas foi prodigioso de inventiva grafologica, admirável e imprevisivo, nos recursos de que lançou mão.

O documento que é duma eloquente, duma flagrante realidade, não podia escapar ás vistas penetrantes das Rondas. De ai a circumstancia feliz de o podermos dar aos nossos leitores, que directamente, vão analisar os enrosos fogos malabares de escrita manual que serviram para anular as responsabilidades do afamado clinico. Principiaremos pela reprodução, completa, do documento «Declaração». O «Juramento» deve seguir-se-lhe.

Veremos, em seguida, a «prova» da innocencia. Como a publicação de tais documentos tem de ser feita «in extenso», nao podemos, no nosso numero de hoje, satisfazer a curiosidade impaciente dos leitores. Dado o espaço que as reproduções occupam, teem de fazer-se a sua publicação successiva, nos dois proximos numeros de «O Norte». É que o espaço, queridos leitores, não é roupa de franceses: temos de acudir a tantas coisas!...

De «O Norte».

EMANCIPAÇÃO

Porque será que os homens, quando se propõem falar a sério das mulheres, se não furtam jámais a introduzir nas suas considerações uma ponta de ironia que absolutamente briga com o bem intencionado do restante discurso?

N'um recente n.º do «Diario de Noticias», no mesmo logar em que o sr. dr. Guilherme Ennes diz as mais escelentes couzas da mulher, acompanhadas sempre, já se vê, das indispensaveis ratices, aparece-nos o sr. E. Noronha, cronista estrangeiro, a enaltecer a ação feminina sem comtudo se furtar á praxe de fazer preliminarmente o habitual capitulo de troça ao sexo em geral.

Por incidente fala n'uma dama ingleza muito nossa conhecida e diz:

«Miss Florence tambem se pronuncia a respeito do direito do voto. N'esse sentido escreveu uma carta a Stuart Mill, onde se lê o seguinte periodo:

«É uma extrema importancia que a mulher tenha uma personalidade; isso é principalmente necessario para a mulher casada; n'este caso a falta de personalidade é desastrosa não só para a mulher, mas ainda para o marido, e será tanto mais mais desastrosa quanto um e outro forem mais inteligentes. Ninguém está hoje mais convencido que eu da necessidade de outorgar ás mulheres o direito de voto.»

Toda a gente circunspéta está convencida absolutamente d'essa necessidade e é possível que se o grupo de sufragistas que em Londres anda fazendo barulho não tem seguido essa linha de conduta, já as mulheres haveriam alcançado que o parlamento lhes concedesse um tal direito.

Porque hão-de as inglezas mostrar-se menos dignas d'ele que as mulheres de outros paises onde já conseguiram essa regalia? Nós, se fossemos chamados a deliberar sobre o assunto, concediamos o direito de intervenção na politica a todas as mulheres menos a duas ordens d'ellas: as que teem audado a fazer barulhos, pretendendo impôr-se pela violencia, e as que são fiéis e hu-

mildes adoradoras da moda, pondo-se por isso a passear pelas ruas entrajadas a rigor mal a gazeta das modas apparece com os destemperos que lhe apraz decretar.

A concessão ás mulheres do direito de votar, preocupa grandemente os homens retrogados. Mas, em que lhes peze, elas hão de ir avançando, embora vagarosamente, mostrando-lhes assim que u'elles fala mais o despeito que a convicção.

Não ha muito ainda a California concedeu ás mulheres o direito de elegibilidade para todos os empregos officiaes. Deve-se advertir que ali já as mulheres gosam ha muito do famoso direito do voto.

Quando se diz que as mulheres são elegiveis para todos os logares publicos, não significa isso que o parlamento as considere aptas a todas para o desempenho de todas as funções; sim apenas que as de capacidade sufficiente para occupar um determinado logar, não tem de privar-se d'essa regalia simplesmente por não serem homens.

Dado ainda o caso de ter-se capacidade para esta ou aquella função e não querer a mulher fazer uzo d'essa circumstancia, entende-se que ninguem a obriga a ir contra vontade ser aquilo que ella não pretende voluntariamente ser.

E' d'isto que se não lembram os despeitados, ou fugem não se lembrar. E perguntam então:

E os filhos, quem os educa? Como se, todas as mulheres casassem, e como se não houvesse muitas, casadas, que nunca tiveram nem jámais terão filhos.

Não é justo condenar estas á inação, tão sómente porque o acaso determinou que fossem mulheres e não homens.

Luis Leitão.

Porto de abrigo comercial dos Cavalos de Fão

O programma assente do projecto a executar neste porto, segundo noticias fidedignas que recebemos de Lisboa, é o seguinte:

1.º Construção e exploração de um caminho de ferro, tendo por testa o porto dos «Cavalos,» seguindo o vale do Cavado até Montalegre.

2.º Construção de uma muralha de abrigo sobre os «Cavalos» ligando-se ao «Cavalinho» e a «Queixada» e convenientes re-

curvamentos terminaes para o lado da terra.

3.º Construção de equal muralha sobre a «Cerneilha» com os devidos prolongamentos.

4.º Construção de um farol sobre os «Cavalos» e diversos forolins para tornar faceis as entradas.

5.º Balizagens dos diversos baixios.

6.º Abertura do canal para o Cavado em frente a Espozende, dragagem da respectiva bacia interior, construção de caes acostaveis para embarque e desembarque, armazens etc. etc. tudo ligado com estação do caminho de ferro, e dotado com o necessario material e do mais moderno.»

Neste pé estavam já os trabalhos quando se ateou a conflagração Europeia, que, apenas, fez sustar os trabalhos em questão financeira, já bastante adiantados, restando somente uma diminuta parte.

Consequentemente é nos licito indusir com toda a firmeza que este porto dos Cavalos, logo que amortença a conflagração Europa, é uma nitida realidade.

De «O Espozendense».

Aniversario

Teve-o na semana passada, o galante filhinho da sr.ª D. Maria Henriqueta Teixeira de Souza Christino, casada com o sr. tenente José da Cunha Amaral, filha e genro do sr. dr. João de Souza Christino, conceituado clinico nesta vila.

Muitas felicitações.

Movimento judicial

Audiencia de 18 de Dezembro

Juiz Arriscado de Lacerda—Escrivão do 3.º officio—Dr. Profridio da Silva.

Distribuição

2.ª classe—Manoel Luiz Simões, de Encourados, contra Rosa da Silva, da mesma freguesia.

Escrivão do 4.º officio.

Audiencia de 22 de Dezembro

Juiz Arriscado de Lacerda—Escrivão judante do 4.º officio—Lidio Lopes.

Distribuição

1.ª classe—João Bernardino Gomes dos Santos e mulher, de Vila Cova, contra Manoel Barbosa Alves e mulher e outros, da mesma freguesia.

Escrivão do 3.º officio.

1.ª classe—José Alves Junior ou José Pinheiro e mulher, da freguesia de Fornelos, contra Ana Rodrigues da Silva ou Ana da Silva, viuva, da mesma freguesia e ainda contra incertos.

Escrivão do 6.º officio.

Grande sortido de malhas para a presente estação em lenços-challes de lã e em lã e seda, blusas (jerseys) cache-cois, camisolas, etc.; estolas para agasalho de senhora, cachenez, flanelas, tudo da mais recente novidade, e calçado de agasalho. Executam-se vestidos por medida e chapéus pelos ultimos figurinos. Augusto Vieira, Campo de S. José.

ACABA DE APARECER

O sonho das crianças

POR

Maria Pinto Figueirinhas

E' um livrinho de contos com uma linda capa e muitas gravuras. Eis o titulo dos 7 contos: «O talismán precioso», «O anel da Rainha», «O tear de ouro», «O castelo maravilhoso», «A Zaidinha», «A visão de um anjo», «O tocador de violino»

Preço 10 centavos

PEDIDOS:—Companhia Portuguesa Editora, 119, R. do Almada ou Largo dos Loios, 14—Porto.

Contra a debilidade

Recommendamos aos nossos leitores o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa e CONTRA A TOSSE o Xarope Peitoral James, da Pharmacia de Pedro Franco & C.ª—Rua de Belem, 147, Lisboa.

ANNUNCIOS

Lições de musica

Rudimentos pelo método do conservatorio.

Ensino em instrumentos de sôpro—flauta, clarinète e metais e instrumentos de corda—rabeça, violoncelo, bandolim, etc; e ainda canto.

—Duas lições por semana a preço de 1\$20 a 1\$50 e de 1\$50 a 2\$00 mensais, segundo o grau de adeantamento do aluno.

Para condições especiais, preços combinados.

Quem pretender dirija-se ao mestre da banda dos Bombeiros, Manoel Antonio da Silva ou a Joaquim Mattos. (1126)

Adubos Agricolas

PARA TODA A ESPECIE DE CULTURAS

Joaquim Mattos & Comp.ª

Campo da Republica—BARCELLOS

A casa mais antiga, de mais vendagem e de maior nomeada no norte do paiz e que melhor tem correspondido, com orgulho o dizemos, ao favor do publico com adubos ricos em elementos nobres relativamente ao seu custo, fornecendo adubos bem equilibrados para os terrenos d'esta região de forma a haver exemplos de produções de trigo até 19 sementes, de centeio até 13 e de batata até 20 sementes.

E—o que é mais que tudo—ha exemplos de com os nossos adubos sem mesmo auxilio dos de curral, obter 6 culturas de batata na mesma terra em annos seguidos e 7 culturas de trigo seguidas de restêva, tambem seguidamente, com melioria de terreno como attestam as produções.

—E' que as boas e apropriadas adubações não só dão aquelles resultados como predispõe os terrenos para melhorar e augmentar futuras colheitas.

Aos adubos, pois, da casa JOAQUIM MATTOS & COMP.ª, que analysa constantemente os adubos elementares que lhe sao fornecidos PARA SE GARANTIR E GARANTIR O PUBLICO EM GERAL a quem pode dar provas do que affirma.

Prestam-se os esclarecimentos necessarios como sempre se tem feito e espalhado em milhares de prospectos fazendo até gosto de visita aos predios quando se julgue conveniente.

Exigir nos saccoes o sello da nossa firma fechando uma etiqueta onde o consumidor verá a natureza qualidade, riqueza e custo do adubo.



MILHO E BATATA

ADUBOS COMPLETOS PARA ESTAS CULTURAS

Formulas em harmonia com a composição das terras

Enviar amostras das terras para a

DELEGAÇÃO DA COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Rua Mousinho da Silveira—257

PORTO

Informações e analyses absolutamente gratis. (700)

PEIXOTO & C.ª

CASA BANCARIA NO BRAZIL

Fundada em 1898

Estabelecida no Rio de Janeiro, á rua da Alfandega n.º 12, composta de socios solidarios:

Raul Helisberto Peixoto da Fonseca

Ralthazar da Silva Pereira

Acceita procurações para administrar propriedades e capitales comprar e vender titulos de renda, receber juros e dividendos e liquidar heranças.

AS MULHERES DE BRONZE

Por Xavier de Montépin

Em publicação esta magnifica obra, composta de 3 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palacio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Belem & C.ª Successores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

PARA TODA A ESPECIE DE CULTURAS

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agrícola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprimem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facturas, envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de typos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não ha eido n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabelliães, em branco para commercio, confrarias e juntas de parochia, pastas, carteiras, etc., etc.

O LIVRE PENSAMENTO

A E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO D'ALTA TRANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que teem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da creança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos:—Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais immoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Eureckal—Jerichó—O Egipto historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Deuses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassinios em nome do Deus christão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado.

Preço: \$20, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias — Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIA
FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, avulso \$10 Semestre, \$50. Ano, 1800.—Africa e India, \$12; \$30 e 1820.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, \$30, 6\$00 e 6\$00 (fracos).

PREÇO dos anuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4\$00. Além do texto, 3000. — 1/2 pagina, 2\$20 e 1\$60. — 1/4 e p. agina, 1\$2 e \$90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Lelo & Irmao, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na Africa, em Loanda e Catumblla e Lourenço Marques; na India, em Nova Gôa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 248, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretario da redacção

ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados
POR

A. Venancio Pacheco

Preço 600 reis.

NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o sr. Dantas

Jansura d'um «Cardeal diabo»

Resposta historica ás acusações feitas pelo sr. Julio Dantas ao Condestavel D Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, \$20. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferri, 70 Rua Nova do Almada, 71—Lisboa.

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

4 vol. de 470 paginas. Preço br. 80 centavos, etc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, respandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rapidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre hygiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora tambem frequentemente colorido com um vigor de involvidavel originalidade.

O seu autor peasono e sentiu o de toda a sua alma, compatriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradicionalismo.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA
DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada. — Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocábulos até agora registados em todos os dictionarios portugueses, além de satisfazer a todas as gratias legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registo de mais 20:000 vocábulos aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de A. M. Teixeira & Comandita

Praça dos Restauradores, 20 — LISBOA

NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Martin

A CUERRA AEREA De Berlim a Bagdad

Traducção do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica a cores, preço \$30.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS

Revista de instrucção e recreio. A mais util e economica, que se tem publicado em Portugal.

Publica-se mensalmente um numero de 80 paginas em typo miúdo e elegantemente brochado, formando no fim do anno um soberbo volume de 900 paginas.

Cada anno ou 12 numeros 800 rs. Assigna-se no escriptorio á empreza editora